

O CLUBE DA CULTURA SURDA

Luiz Albérico falcão

A forma como as pessoas vivem desde os valores, princípios, trabalho, lazer são compreendidos como práticas culturais que fazem parte de práticas discursivas de uma sociedade em constante renovação.

As pessoas surdas estão em suas famílias de ouvintes e/ou surdas em convivência e segundo as influências culturais de seus familiares desde a infância até chegarem ao período da escolarização quando passam a compartilhar e sofrer influências da cultura escolar e social.

Muitas vezes são apresentados pela primeira vez à Libras.

Dá-se o choque linguístico quando em casa com sinais caseiros, agora na escola com sinais da Libras.

Os pais perdem-se sem saber como continuar a comunicação. Alguns vão buscar aprender os sinais, outros com tantos afazeres as crianças permanecem na dualidade entre dois mundos que não compartilham saberes nem educação para a civilidade.

Nesta fase surgem conflitos pessoais e as crianças surdas, pelo não entendimento das relações familiares e escolares, precisam escolher a quem deve seguir. A decisão é cruel entre aqueles que lhes dão dormida e comida sem interação ou os que apresentam sinais que o fazem compreender o novo e dizem que juntos com Libras é mais feliz. A depender da organização e da ética escolar surgem desvios e interesses diversos que valoram as relações superficiais entre surdos em detrimento das relações familiares de bases para a vida.

Na escola a figura do intérprete de Libras - ILS é apresentada como salvação de todos os males e a eles são entregues as crianças surdas sem controle das atividades nem do que é trabalhado com as crianças. Embora não lhes caiba a função de ensinar, com professores que não sabem libras nem como ensinar às crianças surdas, terminam com desvio de função e ainda assumindo mais esta demanda escolar. Por vezes nem nível superior possuem e já assumem a alfabetização de crianças surdas. Também não sabem como trabalhar esta demanda que é diferente da educação de ouvintes. Mas não se trata de defender uma “pedagogia surda”, mas sim, de atentar para a adaptação dos recursos, das estratégias e dos materiais como os livros texto que estão também ignorando as demandas da cognição visual.

Livres e literalmente sem controle, muitos dos ILS que atuam em escolas estaduais e municipais reinam com discursos que vão desde a alienação parental aos desvios de conteúdos escolares e religiosos quando só valem o reduto das igrejas e dos grupos da “cultura surda”. AS famílias são largadas para segundo plano e as crianças seguem fielmente esses desmandos.

O poder se instala no discurso de quem domina a língua.

Esses ILS, quer tenham sido inseridos na Libras em cursos de final de semana em igrejas e associações que buscam “salvar seu povo”, quer sejam graduados em cursos de nível superior em letras/Libras, defendem um modelo retórico de poder e dependência.

Defendem a liderança e a organização da comunidade surda e pontuam o discurso da cultura surda em detrimento dos valores e princípios familiares. Criticam as famílias, mas nunca foram até elas para ressignificar suas práticas.

O discurso da cultura surda, do empoderamento, da identidade, da diferença em detrimento das limitações e da deficiência se instala como grito de guerra contra tudo e todos que não falarem sua língua.

Contudo, da mesma forma que não existe cultura dos ouvintes, dos cegos, das crianças autistas, com microcefalia, também não existe cultura surda. O que existe são diversas culturas e/ou manifestações culturais de pessoas surdas oriundas de diversos lares, cidades e regiões do país.

Toda ação social faz parte e compõe a multiculturalidade quando existe diálogo.

Todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado que se estrutura no sentido da culturalização de significados para o empoderamento das pessoas.

Todos os seres merecem ser felizes sem imposição nem cerceamentos dos direitos pessoais nem aniquilação das origens.

Sendo que, para fazer parte e ser aceito no modelo imposto de “cultura surda”, existem regras pré-determinadas por pessoas que se intitulam lideranças surdas e que insistem definir como discurso da “comunidade surda brasileira”.

Mas diante de um país intercontinental estaria mais próximo e coerente chamar de comunidades surdas. E nunca um “povo surdo” porque fere aos princípios conceituais e epistemológicos. A não ser que consigam legitimar este território em algum estado brasileiro. Talvez o de Santa Catarina como preveem algumas lideranças que estão capitaneando, pela internet, jovens de todo o país para se unirem e formarem esta fabricada “nação surda”.

Para ser inserido no clube da “cultura surda” existem regras do tipo: não pode oralizar, não pode usar aparelho de amplificação sonora, não pode fazer implante coclear, não pode namorar nem casar com ouvintes que não estejam inseridos e também aceitos na comunidade surda. Também não podem os que apresentam outras deficiências porque buscam surdos com identidade “purificada” para transformar a sociedade do “povo surdo” numa nação norteadada pela eugenia.

Existem diversos discursos de autores sobre o que pode ser cultura nos tempos atuais: cultura das corporações, de uma cultura do trabalho, do crescimento de uma cultura da empresa nas organizações públicas e privadas, de uma cultura da masculinidade, das culturas da maternidade e da família, de uma cultura da decoração, cultura da magreza (HALL, p. 12)¹.

Para o autor, cada instituição ou atividade social

Gera e requer seu próprio universo distinto de significados e práticas gerando sua própria cultura. Assim sendo, cada vez mais, o termo está sendo aplicado às práticas e instituições, que manifestamente não são parte da esfera cultural, no sentido tradicional da palavra. De acordo com este enfoque, todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão cultural.(p.12-13)

¹ Stuart Hall: A centralidade da cultura: notas sobre reconfigurações culturais do nosso tempo. Disponível em <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf> Acesso em 16;abr.2017

Na verdade o que na prática se estabelece é tentativa de controle, de reserva de mercado e do exercício do poder de uns sobre outros nas instituições e no clube da “cultura surda”.

Quem convive com crianças e adolescentes surdos nível profundo bilateral sabe o quanto é fácil convencê-los a reagir, pensar e fazer coisas alheias. Tudo pela simples confiança que depositam em seus cuidadores, mediadores, interlocutores os quais negam a todo custo que não manipulam seus desejos e vontades nas mentes dos surdos.

As crianças surdas são ingênuas e facilmente manipuláveis.

E diante de uma escola que se constitui com salas exclusivamente de surdos, professores que desconhecem como se comunicar e nem como educar as crianças surdas, tudo fica nas mãos e domínio e poder dos intermediadores/interlocutores intérpretes de Libras.

E quando a escola disponibiliza, de instrutores surdos que também estão articulados com a filosofia da segregação o modelo de reprodução do clube da cultura surda se instala com muito mais força, em detrimento dos valores e princípios familiares que já não existem na lista de prioridade dos filhos.

As famílias devem ser orientadas a buscar na Libras suporte para educação de seus filhos surdos sinalizantes. O empoderamento da Líbras é uma necessidade social e não esperar que ocorra o milagre que eles oralizem um dia, mas oferecer condições para que eles sejam autônomos e independentes com educação familiar e civilidade social independente da língua que venham a desenvolver. E o amor pelos filhos deve superar os limites da língua.